

A ORIGEM DA ESCRITA ALFABÉTICA E AS INFERÊNCIAS

Reginaldo Nascimento Neto (UFT)
nadyahu@ifma.edu.br

RESUMO

Nesse artigo, apresenta-se um vislumbre das fases do desenvolvimento da escrita e sua atrelada necessidade de inferências para adequada interpretação lógica. Para maior clareza da exposição, optou-se pela inserção de iconografias atuais, cuja associação bem pode exemplificar os métodos adotados pelos antigos na confecção das inscrições mnemônicas nos tabletes e papiros. A partir daí, vinculam-se as recentes descobertas sobre a capacidade do cérebro humano de estabelecer comparações bem como de reconhecer pequenas variações do ajuste dos gabaritos alfabéticos. Em seguida, pela exposição dos achados arqueológicos que comprovam a utilização de escrita alfabética, muitos anos antes do domínio fenício nessa área, questiona-se a ideia convencional de que esse povo tenha sido o inventor dessa técnica gráfica. Traça-se um paralelo entre elementos significantes e seus significados para a produção do termo *Alfabeto*, dessa forma, pretende-se apresentar um breve panorama das fases pictográfica, ideográfica e protossilábica na construção de caracteres significantes que faziam inferir significados adequadamente conforme o imaginário coletivo e contextos sociais das comunidades de falantes em referência.

Palavras-chave: Origem da Escrita. Leitura. Inferências.

1. Introdução

Em maior ou menor grau, desde o início do desenvolvimento da escrita, a necessidade de inferir para que haja significação tem sempre sido inevitável. Enquanto ainda não apto a escrever, o homem primitivo relatava sua cultura e eventos sociais armazenados na memória, por meio da tradição oral, e segundo Diringer (1982, p. 15), possuía dotes excepcionais de memória para aprender e apreender o que fora comunicado.

Dessa forma, o conhecimento era transmitido de pais para filhos e por contadores de histórias no decorrer de sucessivas gerações. Canções, sons, objetos, gestos e desenhos eram usados

como instrumentos mnemônicos para o relato de épicos da tribo, de forma que, antes do surgimento da história escrita, o homem empreendia a própria educação e dos filhos pela recitação de aventuras e tradições mantidas na memória.

No entanto, com o avolumar-se das informações e declínio das capacidades de memorização, os conceitos de exatidão, originalidade e fonte ofuscavam-se ou feneciam em si mesmos. Decorria que, somavam-se ou omitiam-se trechos dos episódios relatados, distanciando-os cada vez mais da versão original. A partir daí, notou-se a necessidade de um instrumento capaz de registrar o conhecimento de forma permanente.

Sendo assim, este artigo pretende mostrar um panorama diacrônico das fases embrionárias da escrita alfabética e as inferências com o propósito de enfatizar que *ab ovo* a leitura evoca capacidades cerebrais de inferências no desenvolvimento da imaginação e inteligência contextual.

2. *Revisão bibliográfica*

Muitos recursos mnemônicos, como símbolos e marcas, eram empregados na comunicação e mesmo necessitando da “interpretação do mensageiro podem ser considerados um estágio preliminar da escrita”. (DIRINGER, 1982, p. 17)

Jean (1987, p. 12) sustenta que “o processo começou na antiga Mesopotâmia, a região entre os rios Tigre e Eufrates”, pois os primeiros registros encontrados em tabletes de argila em Uruk, datando do quarto milênio a.C. são organizados em colunas, listando objetos feitos de madeira. Outros tabletes, ele afirma, “continham informações sobre a estrutura social dos sumérios”. A escrita cuneiforme se constituía de desenhos pictográficos registrados em tabletes de argila por meio de cunhas (do latim *cuneus*) feitas com varetas de madeira.

Segundo Pinker (1998), o cérebro humano é dotado de peculiaridades aparentemente simples como enxergar, andar, segurar

objetos de diversas formas e consistências, pensar etc., mas que são de fato competências por demais complexas. Segundo ele, “a razão de não haver robôs semelhantes aos humanos decorre de que os problemas de engenharia resolvidos nas operações mencionadas acima são mais complexos que chegar à lua ou mapear o genoma humano”.

Para esclarecer como o cérebro reconhece objetos, imagens, rostos, etc. com o propósito de poder denominá-los, Pinker (1998) defende a ideia do construto neural chamado de *gabarito* ou *molde*. Também afirma que “o cérebro duplica a silhueta de cada objeto e cunha-lhes gabaritos”. Quando uma imagem é projetada na retina, o cérebro procura o gabarito padrão a que ela pertence e ajusta-a ao cognoscível. Porém lembra que esse mecanismo, desprovido de outras competências mentais, oferece diversos problemas, como por exemplo, a identificação equivocada da imagem ou do gabarito.

A demonstração desse problema dá-se quando uma imagem se encaixa no gabarito errado, como por exemplo, a letra *R* e a letra *A*, encaixam-se no gabarito da letra *P*. Para tanto,

O cérebro humano possui a competência de assimilar uma enorme quantidade de pequenas variações por meio de um reconhecedor altamente especializado. Ele mantém um registro detalhado da forma de cada face conhecida, imagem, letra, cena, instrumento etc., e este registro, de alguma forma, é capaz de ajustar-se à imagem projetada pela retina ainda que distorcida, inclinada, disfarçada ou alterada.

Segundo ele,

o mundo que se projeta ante os olhos humanos é um mosaico ou uma colcha de minúsculos retalhos sombreados cuja percepção das bordas e fronteiras multidimensionais, assim como as lacunas e espaços vazios interpostos às imagens exigem operações mentais de alta especificidade.

Usando essa aptidão de estabelecer a relação entre o gráfico e a ideia, intimamente relacionada especialmente com essa fase do desenvolvimento da escrita, chamada aqui de *inferência*, a escrita se tornou possível. A definição clássica de inferência é, segundo Holanda (2001), “deduzir pelo raciocínio”.

Para Fiorin (2006, p. 168) alguns enunciados têm a propriedade de implicar outros. E dá os seguintes exemplos: “Quando se diz João é meu sobrinho, esse enunciado implica sou tio de João; quando se afirma se tivesse chovido, não haveria falta de energia, essa afirmação implica que não choveu e há falta de energia”.

Beaugrande e Dressler (*apud* KOCH & TRAVAGLIA, 1989, p. 70) expressam que inferência “consiste em suprir conceitos e relações razoáveis para preencher lacunas e discontinuidades de um mundo textual”. Haja vista essa necessidade de se estabelecer relações de significado, Peirce (2005, p. 272) manifesta que “tudo aquilo que for totalmente incomparável a alguma outra coisa é totalmente inexplicável porque a explicação consiste em colocar as coisas sob leis gerais ou sob classes naturais”.

Assim, Peirce (2005) acredita que o significado consiste num sistema de representações associativas a ele familiares, quando afirma que: Finalmente, nenhum pensamento presente concreto tem significado algum, valor intelectual algum, pois estes residem não naquilo que é realmente pensado, mas naquilo a que este pensamento pode ser conectado numa representação através de pensamentos subsequentes de forma que o significado de um pensamento é, ao mesmo tempo, algo virtual. (PEIRCE, 2005, p. 272)

Lakoff & Johnson (2002, p. 45) corroboram essa ideia quando sustentam que “não somente a linguagem, mas todo o sistema conceitual do pensamento humano é metafórico, isto é, representativo” e afirmam que “nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual não somente pensamos, mas agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”. Smith (1989, p. 266) afirma que “vivemos em um mundo que o cérebro cria, em vez de, em algum mundo concreto que existe independentemente de nós.”

Para tanto, a mente humana é um platô fotográfico que, além de capturar e armazenar os milhares de dados do ambiente, constrói também, novas informações que possibilitam as inferências. Um dos mais importantes recursos do cérebro humano é sua capacidade de fazer essas conexões com propósito de gerar cogni-

ção. Não resta dúvida que tal capacidade viabiliza a significação do mundo.

3. Metodologia

Serão analisadas as fases embrionárias da escrita e sua relação com a capacidade do cérebro de fazer inferências. As fontes são bibliográficas e por meio de exemplos e representações, propõe-se uma articulação das informações históricas quanto ao desenvolvimento da escrita com as descobertas pertinentes ao cérebro humano em decifrar e fazer inferências.

4. Desenvolvimento e análise dos dados

4.1. A fase pictográfica da escrita

Chama-se de *pictográfica* a primeira fase do desenvolvimento da escrita na qual, “cada sinal referia-se a um objeto ou entidade em particular” (JEAN, 1987, p. 14). Por exemplo, duas linhas cruzadas significariam inimizade, enquanto que linhas paralelas infeririam amizade. Um triângulo púbio, representaria uma mulher, e o pictograma cabeça de boi indicaria um boi. Diringer (1982, p. 19) revela que o pictograma era uma impressão estática e “representava os objetos em estado imóvel: o desenho de um animal representaria o animal, e, por exemplo, um círculo poderia representar o sol”.

As figuras representavam as coisas. Um boi representava um boi. Um homem com os braços erguidos representava um homem. Um sol representaria, nessa fase, o sol ou um dia.



Fig. 1 – Um boi



Fig. 2 – Um homem com os braços erguidos



Fig. 3 – Um sol

Não é possível descartar a contribuição egípcia para o desenvolvimento de uma escrita ancestral à alfabética. O Egito é uma nação de cinco mil anos de idade. Sua aparência política projeta-se no mapa como um delta invertido ligado ao rio Nilo. Nos períodos de chuva, o rio Nilo transbordava provocando uma inundação. Após o retorno das águas às margens naturais, a área que estivera inundada se tornava excelente para atividades agrícolas. Crescia ali um vegetal típico da região chamado de papiro – uma planta cujo talo cilíndrico é similar ao da mamona – e descobriu-se que estes talos colhidos e dispostos um ao lado do outro em forma de jangada e sobrepostos por outro feixe de talos em posição transversal, quando esmagados sobre uma pedra plana e secos ao sol, tornavam-se uma superfície sobre a qual se poderia desenhar pictogramas com tinta vegetal ou entomológica.

Com o passar do tempo, os pictogramas eram combinados com o intuito de expressar uma ideia, assim, surgiu a etapa denominada de ideográfica, isto é, uma ave ao lado de um ovo traria a inferência de fertilidade.

4.2. A escrita ideográfica e a inferência

A fase ideográfica da escrita associava símbolos para transmitir ideias. Por exemplo, a cunha de dois pés inserida ao lado de uma casa poderia sugerir a ideia de sair, ir embora etc.

Um triângulo púbio ladeado por três montanhas e uma linha curva arqueando todo o quadro significaria uma escrava, pois representaria uma mulher que veio de um clã distante, isto é, uma estrangeira que, por ser cativa de guerra ou por outro motivo, estaria ali justificadamente apenas pela razão ser uma escrava.

4.3. O princípio da acrofonía e a inferência

Usar um sistema pictográfico ou ideográfico com cerca de dezoito mil pictogramas e mais um incontável número de modificadores, tornava a atividade do escriba bastante prestigiada. Houve uma simplificação nos pictogramas egípcios a um sistema essencialmente silábico. Portanto, na escrita hieroglífica ou sagrada do Egito operou-se um sistema denominado de acrofonía (som inicial) isto é, empregava-se o pictograma para representar o primeiro fonema ou sílaba da palavra.

Esse sistema abriu a possibilidade de uma escrita alfabética. Healey (1993, p. 17) declara que “suspeita-se que os semitas, especialmente os palestinos são os candidatos mais evidentes a patronos da escrita silábica, embora a importância da costa fenícia sugira que a região desempenhou um papel da maior importância nesse processo”.

Portanto, o Egito inspirou as bases para invenção do alfabeto, mas não o inventou. Em conformidade com Diringer (1982, p. 107), os arqueólogos Claude F. A. Schaeffer, G. Chenet e Virolleaud descobriram nas escavações de Rasesh Shamra sobre Ugarite, próximo ao mar Mediterrâneo na costa da Síria, os tabletes de Ugarite datados do 15º. Século a. C. que, decifradas exhaustivamente pelos professores de História Antiga E. Dhorme, Dussand, Charles Virolleaud, Hans Bauer e Nougayrol, revelaram as vinte e

oito letras do alfabeto fenício, dos quais, vinte e seis eram consoantes. Semelhantemente ao fenício, o hebraico antigo não possuía vogais em seu alfabeto. Isto gerava sérios equívocos na leitura como aconteceria também com o vocábulo “pnt” em português. Destituído de vogais, poderia significar: aponta, aponte, aponto, panta, pante, panteão, penates, penta, pente, pinote, pinte, pinto, poenta, ponta, pontão, ponte, ponta, pontua e pontuo.

Os gregos sanaram as dificuldades de homonímia, introduzindo o uso de símbolos fenícios convencionados para a função de vogais no alfabeto. A palavra *alfabeto* tem sua gênese na justaposição das letras gregas α (alpha) e β (beta) oriundas dos pictogramas que representam respectivamente boi e casa. O símbolo Fenício ou representava um *aleph* ou boi naquela língua. Em um processo denominado *acrofonia*, tomou-se essa marca pictórica para representar apenas o fonema inicial dessa iconografia. Estabelecido esse princípio protossilábico, as múltiplas possibilidades combinatórias dos fonogramas criaram condições favoráveis à percepção mais clara da leitura. Por exemplo, em inglês, o desenho de uma abelha, (bee) ao lado de uma folha de árvore (leaf), significaria crença, i.e. belief. Com o tempo, o pictograma inclinou-se 90 graus à direita e surgiu o “ α ” mantendo a representação do fonema [a], i.e., o acrofone de *aleph*.

A cultura romana toma o “ α ” e extrai-lhe o chifre superior forjando sua própria letra designadora desse fonema. “a”. Note-se que até hoje, para representar o fonema [a], ainda se resgata o pictograma fenício *aleph*. Cada uma das letras do alfabeto grego e, conseqüentemente do romano, passou por um longo processo de desenvolvimento a partir de signos semitas como descrito acima. Diringer assevera que:

Foi um longo percurso desde os primitivos pictogramas até o alfabeto. Não havia, a princípio, ligação entre o símbolo desenhado e o termo sonoro a ele designado; o alfabeto, no entanto, tornou-se o complemento gráfico da fala. De fato, cada elemento (que pode ter qualquer forma) na escrita fonética corresponde a um elemento específico (i.e. fonema) na língua a ser representada. Assim, estabeleceu-se uma relação direta entre a língua falada (i.e. fala) e a escrita, sendo esta, uma representação daquela. (DIRINGER, 1982, p. 73).

Healey (1993, p. 36) apoia a ideia de que “as similaridades entre os escritos gregos, incluindo o uso de certas letras para representar vogais, indicam uma origem comum”. De forma semelhante, o princípio acrofônico não explica a origem de todas as letras, mas boa parte delas são claras como por exemplo o $\var�$ oriundo de *aleph* ou boi. Encontra-se o *bet* ou casa δ originando a letra *b*. $\approx \approx \approx$ – mayyuma – água originando a letra *m*. ■ -nahasu – para cobra que gerou a letra *n*.

Dessa forma, pode-se entender que o princípio do acrofone foi uma técnica como a exemplificada abaixo pelos ícones abaixo, lidos em inglês:

Exemplo 1



bee +



Leaf = BELIEF

(Abelha) + (Folha) = (Crença)

Outrossim, pode-se inserir também um exemplo em português:

Exemplo 2



seis +



Jipe = Sergipe

Exemplo 3



Motor +



chiclete = Motocicleta

5. Considerações finais

Ao se somarem as considerações abordadas acima quanto à trajetória da formação da escrita alfabética, chega-se à compreensão de que, desde a origem, a escrita e sua consequente leitura estão intrinsecamente ligadas à capacidade do cérebro de fazer inferências. Verificou-se que desde antes do poderio e proeminência dos fenícios, a escrita fonética já tinha seu embrião fecundado a partir de símbolos semíticos e hieróglifos, o que corrobora com a ideia de que é uma falácia o conceito de que os Fenícios são os inventores da escrita alfabética.

Decorre daí que novos estudos precisam ser realizados para detectar que aspectos desencadearam as dificuldades de inferência e compreensão da leitura alfabética hoje em dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIRINGER, David. *The Book Before Printing Ancient, Medieval and Oriental*. New York: Dover Publications Inc., 1982.

FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2006

HEALEY, John F. *The Early Alphabet*. Londres: British Museum Press, 1993.

JEAN, Georges. *Writing the story of alphabets and scripts*. New York: Thames and Hudson, 1987.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

NASCIMENTO, NETO. Reginaldo. *Interactive Synapse in English*. 3. ed. São Luís: [s./e.], 2003.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PINKER, Steven. *Como a mente funciona*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.